**Uma imagem com texto, póster, design gráfico, captura de ecrã

Descrição gerada automaticamenteI. Ritos Iniciais**

**Monição Inicial**

P.Em pleno mês de agosto, a Liturgia da Palavra conduz-nos ao monte de Deus, o Horeb, e ao mar da Galileia. Vamos até ao monte, refúgio do profeta Elias, onde o Profeta procura a paz e a serenidade, no meio do vento, do fogo e do terramoto que o sacodem, abalam e consomem. Só uma brisa suave lhe traz a confiança da presença de Deus, que está perto dos corações atribulados, dos refugiados e dos que emigram da sua terra, para encontrar o seu lugar no mundo. Vamos até ao mar, onde os discípulos, depois da festa dos pães, são surpreendidos por uma tempestade e desafiados a superar o medo. Façamos desta Eucaristia encontro sereno, em que o Senhor nos chama à Sua presença, à intimidade com Ele, pois prefere a mansidão misericordiosa ao tumulto do aparato e da violência!

**Ato Penitencial**

P. Pelos nossos gritos de protesto, sem confiança em Vós, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Pelos nossos medos e crises, sem oração nem esperança, Cristo, tende piedade de nós! R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Pelas nossas dúvidas e incertezas, sinal da nossa pouca fé, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória | Oração Coleta**

**II. Liturgia da Palavra**

**Homilia no XIX Domingo Comum A 2023**

O calor deste mês de agosto e o fogo do Espírito que a JMJ irradia, reclamariam mais o silêncio de uma ligeira brisa do que um mar de palavras. Deixemos ressoar três apelos do Papa, na JMJ, a partir desta palavra central do Evangelho de hoje: “*Tende confiança. Sou Eu. Não temais*” (Mt 14,27).

1. **Não ter medo!**

Quase em todas as suas intervenções, o Papa disse aos jovens: «*não tenhais medo*». Na homilia da Missa de encerramento o Papa exorcizou repetidamente este medo. Ele falava especialmente aos jovens, ofuscados pelo medo de não realizarem os seus sonhos, aos jovens angustiados ou de sorriso disfarçado, aos jovens que querem mudar o mundo e se sentem manietados, aos jovens de quem a Igreja e o mundo têm tanta necessidade como a terra de chuva. Mas apliquemos estas palavras a todos nós, deixando que o Papa nos volte a dizer: “É o próprio Jesus que vos fixa agora. Ele que vos conhece, conhece o coração de cada um de vós, conhece a vida de cada um de vós, conhece as alegrias, conhece as tristezas, os sucessos e os fracassos, conhece o vosso coração. Ele diz-vos: «Não temais, não temais! Coragem, não tenhais medo». “Tende coragem, continuai para diante”. O amor de Deus serve de amortizador no embate com as dificuldades da vida. Pensemos sobretudo nas dificuldades dos migrantes, que saem das suas terras para servir outros, noutros lugares do mundo.

1. **Fazer-se ao mar!**

Só vencendo o medo, é possível fazer-se ao mar.Dizia o Papa:“Façamo-nos ao largo sem medo! Não temamos enfrentar o mar alto, porque no meio da tempestade e dos ventos contrários, Jesus vem ao nosso encontro e diz: «Coragem, sou Eu, não temais!» (Mt 14, 27). Quantas vezes já tivemos esta experiência? Cada qual se interpele dentro de si mesmo. E se não a tivemos é porque algo falhou durante a tempestade”. A pandemia, que o Papa associou de modo especial a esta imagem da tempestade acalmada, isolou-nos e fechou-nos, no medo. Mas “com esta Jornada Mundial da Juventude, – disse o Papa – Deus deu um empurrão na direção oposta. “E não foi por acaso que se realizou em Lisboa, uma cidade virada para o oceano, cidade-símbolo das grandes explorações marítimas”. Depois desta transfusão de sangue novo, sangue na guelra, na linfa vital do corpo da Igreja, “tenhamos a coragem de lançarmos de novo as redes e abraçar o mundo com a esperança do Evangelho. Não é momento de parar, não é momento de desistir, não é momento de atracar o barco à margem, nem de olhar para trás; não temos por que escapar deste tempo, só porque nos mete medo, para nos refugiarmos em formas e estilos do passado. Não! Este é o tempo da graça que o Senhor nos concede para nos aventurarmos no mar da evangelização e da missão”.

1. **Surfar nas ondas do amor!**

“Como os jovens que vêm de todo o mundo a Nazaré, para desafiar as ondas gigantes, façamo-nos ao largo também nós sem medo”. Citando Fernando Pessoa, o Papa recordou-nos: «Navegar é preciso». E concretizou: “Continuai a cavalgar as ondas do amor, as ondas da caridade; sede surfistas do amor”. Foram estas as suas últimas palavras em Portugal! Queridos irmãos e irmãs: o mês de agosto traz-nos o apelo da praia, do mar, das ondas. Façamo-nos então ao imenso mar da nossa vida, sem medo, com a coragem criativa da fé. E a cada leve brisa que passe ou a cada onda gigante que sobrevenha, deixemos ressoar em nossos corações as palavras de Jesus: “*Tende confiança. Sou Eu. Não temais*” (Mt 14,27).

**Credo**

P. Credes em Deus Pai, Deus bendito por todos os séculos, que nos chama até Ele, com a voz de um fino silêncio?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, verdadeiramente o Filho de Deus, que vem ao nosso encontro e é o nosso único Salvador?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, cujo sopro impele a barca da Igreja, no seu atormentado caminho ao longo da história?

R. Sim, creio!

P. Credes na ressurreição dos mortos e na vida eterna, experiência de paz verdadeira e definitiva, com Deus e com os irmãos?

R. Sim, creio!

**Oração dos Fiéis**

P. Oremos a Deus nosso Pai, que sempre nos escuta quando O invocamos, e apresentemos-Lhe as nossas preces:

1. Pela Santa Igreja, em processo sinodal: para que seja um «porto seguro» para quem sonha o infinito de Deus e enfrenta as travessias, os naufrágios e as tempestades da vida. Oremos, irmãos.
2. Pelos que governam este mundo, a navegar num momento tempestuoso: para que protejam a vida humana, a vida dos oceanos e prossigam rotas corajosas de justiça, de amor e de paz. Oremos, irmãos.
3. Pelos nossos jovens, para que depois desta transfusão, recebida das Igrejas de todo o mundo, se tornem mais participativos na vida da Igreja e mais empreendedores de sonhos do que administradores de medos. Oremos, irmãos.
4. Pelos emigrantes, que partem daqui para outros países e pelos imigrantes que vêm de outros países para viver connosco: para que sejam sempre livres de escolher entre migrar ou ficar no seu país. Oremos, irmãos.
5. Por todos nós: para que, nos momentos de desânimo e cansaço, mantenhamos vivos, na mente e no coração, os momentos mais encantadores da Jornada Mundial da Juventude. Oremos, irmãos.

P. Senhor, que estais sempre junto daqueles a quem as tempestades deste mundo põem em perigo, fazei que reconheçamos a Vossa presença e descubramos que não podemos caminhar sem a Vossa mão e a Vossa força. Por Cristo, Senhor nosso.

R. Ámen.

**III. Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico do Ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio** Comum VII | **Oração Eucarística** II | **Comunhão | Cântico de Comunhão | Oração pós-comunhão |**

**Oração a seguir à comunhão**

– oração alternativa, na conclusão da 51.ª Semana Nacional de Migrações

Deus, Pai Omnipotente,

dai-nos a graça de nos empenharmos diligentemente

em favor da justiça, da solidariedade e da paz,

para que a todos os vossos filhos

migrantes e refugiados

seja assegurada

a liberdade de escolher migrar ou ficar.

Dai-nos a coragem de denunciar

todos os horrores do nosso mundo,

de lutar contra toda a injustiça

que desfigura a beleza das vossas criaturas

e a harmonia da nossa casa comum.

Amparai-nos com a força do vosso Espírito,

para que possamos manifestar a vossa ternura

a cada migrante que colocais no nosso caminho

e espalhar nos corações e em todos os ambientes

a cultura do encontro e do cuidado.

Papa Francisco, Mensagem para o 109.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2023

**Bênção | Despedida**

Diácono: Sem medo, fazei-vos ao mar e surfai as ondas do amor.

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**……………………………………….**

**Oração para a bênção da mesa | XIX Domingo Comum A 2023**

Senhor,

Tu dás-nos

os bens da terra e do mar.

Abençoa a mesa desta refeição,

para que, fortalecidos por este alimento,

enfrentemos juntos as tempestades

e caminhemos cheios de confiança

em direção a Ti,

sobre as ondas agitadas

da nossa vida.

Ámen.

Uma imagem com texto, Tipo de letra, póster, captura de ecrã

Descrição gerada automaticamente

Uma imagem com texto, captura de ecrã, design gráfico, design

Descrição gerada automaticamente

**Outros Textos e Homilias**

**XIX Domingo Comum A**

**HOMILIA NO XXIX DOMINGO COMUM A 2020**

1. O fantasma da pandemia ensombra o nosso verão, por mais máscaras que usemos para espantar o medo do contágio. E as cenas bíblicas deste domingo parecem pintar-nos o retrato sombrio deste tempo. Em terra ou no mar, a tempestade é perfeita. No alto do monte Horeb, o profeta Elias, fugitivo, entra em confinamento, passando a noite na gruta onde se escondera, com medo da perseguição. No alto-mar da Galileia, Pedro dá voz ao medo dos discípulos, no meio de uma tempestade, que ameaça afundar a barca. Esta cena evangélica da tempestade inspirou o Papa Francisco naquela insólita oração na praça de São Pedro vazia, onde nos dizia: “À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estarmos no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo todos importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos” (Mensagem Urbi et Orbi, 27.03.2020). E se não estamos todos no mesmo barco estamos todos debaixo da mesma tempestade, com réplicas, aqui e acolá, que nos assustam, pelas consequências económicas e sociais que já se divisam.

2. De que mais precisaremos nós, então neste verão atípico? De quebrar, a todo o custo, o silêncio do confinamento, de pedir licença de ruído, de meter a cabeça na areia, com evasões que nos libertem do fantasma da pandemia?! Eu creio que nós precisamos muito de imitar o profeta Elias, a quem Deus dirige a palavra, dizendo: “Sai e permanece no monte à espera do Senhor”. E vede: nem os ventos fortes, nem os terramotos, nem o fogo lhe traziam notícias de Deus. Deus passou por ali, sem espavento, sem pôr a boca no trombone. Deus falou no murmúrio de um silêncio que se desvanece. Elias ouviu a voz de Deus num fino silêncio, no sibilar de um vento suave, no sopro de uma aragem ligeira.

3. Durante semanas, neste ano de 2020, reinou o silêncio nas nossas ruas; um silêncio dramático e inquietante, mas que nos deu ocasião para ouvir o clamor dos mais vulneráveis, dos deslocados e do nosso planeta gravemente enfermo. O silêncio que experimentámos nesta pandemia foi um silêncio purificador. Não o devemos perder agora, sob pena de não compreender a Palavra que Deus nos quer dizer, do meio desta tempestade. Disse o Cardeal Tolentino: “Eu comparo muito o silêncio àquilo que é o espaço entre as palavras num texto. Se as palavras não tivessem um espaço, não se leriam. Sem o silêncio, a nossa vida não se lê”.

4. Este mês, para ser a(o)gosto de Deus, devia ser um tempo de silêncio interior e exterior, sem renitência à penitência, que nos convoque para estar simplesmente, em saída de nós mesmos, permanecendo à espera que o Senhor passe e nos fale, sem dizer palavra. Muitas vezes encontramo-nos diante do silêncio de Deus, experimentamos quase um sentido de abandono, parece-nos que Deus não ouve e não responde. Mas este silêncio de Deus não marca a sua ausência. O cristão sabe bem que o Senhor está presente e escuta, mesmo na escuridão da dor, da rejeição e da solidão. O silêncio é um chamamento a perceber que, acima de tudo, temos de colocar a confiança no Senhor, nestas horas em que tudo parece naufragar.

5. Irmãos e irmãs: não tenhamos medo do silêncio. Saiamos da caverna dos nossos medos e fiquemos o tempo que for preciso à espera da ligeira brisa, que vem serena depois da tempestade. Vale sempre a pena esperar, no alto de um monte ou a caminhar sobre as águas. Escreveu Fernando Pessoa: “Às vezes, ouço passar o vento e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido”. Por isso, vos peço: silêncio, que Deus vai passar; silêncio que Deus vai calar!

**Sobre vós construirei a minha Igreja doméstica**

1. Depois do grande milagre da multiplicação dos pães, o Senhor fica em terra, sozinho, enquanto os doze começam uma difícil travessia do mar da Galileia: «A barca estava já a muitas milhas de terra e era agitada pelas ondas: o vento, com efeito, era contrário (Mateus 14,24). E os discípulos sentem-se sós e abandonados, e começam a esquecer as grandes coisas que viram: apenas sentem a ameaça das ondas e a distância de Jesus. Tempestades haverá sempre, a paz prometida por Jesus não é a calma plana de uma vida sem imprevistos. Não conseguireis – parece dizer Jesus – dominar as contrariedades, as perseguições, os muitos maremotos que tereis de enfrentar pessoalmente e todos juntos. Mas ao terminar a noite, Ele foi ao seu encontro caminhando sobre o mar. Não vos ensino a acalmar a tempestade, mas a navegar, apesar do medo: mesmo que não tenhais a situação sob controlo, sabei que nunca estareis sós.

2. Vendo Jesus que chega a caminhar sobre as ondas, os discípulos gritam: é um fantasma! E o Mestre tranquiliza-os: coragem, sou Eu, não tenhais medo. E Pedro vence o medo, salta a borda da barca e apoia um pé a seguir ao outro sobre a superfície do mar, dando-se conta, com grande surpresa, que é capaz de caminhar sobre as ondas. A sua fé, todavia, é imperfeita, de tal maneira que após poucos passos começa a duvidar e a afundar-se. Mas o primeiro dos apóstolos não foi escolhido por ser sólido e imperturbável, nem por a sua confiança no Mestre, que é autêntica e generosa, ser perfeita. Vêm em nosso auxílio algumas palavras de Chesterton: para assentar as bases da sua Igreja, «Cristo não escolhe como pedra angular o genial Paulo ou o místico João, mas um trapalhão, um snob, um cobarde: numa palavra, um homem». Os impérios humanos, construídos sobre o mito do Super-homem, desabaram por causa da «intrínseca e constante fragilidade de terem sido fundados por homens fortes sobre homens fortes. Mas esta realidade única, a histórica Igreja cristã, foi fundada sobre um homem fraco, e por esse motivo é indestrutível. Porque nenhuma corrente é mais forte do que o seu elo mais fraco».

3. Normalmente, aplicamos os ensinamentos deste episódio sobretudo às pessoas que têm tarefas de governo na Igreja. Pode, porém, revelar-se iluminador pensar também nos pais, escolhidos pelo Senhor para governar, nos limites do possível, a Igreja doméstica que é cada família. *Não temas*, diz Jesus a cada mãe e a cada pai, *se não controlas a situação: a saúde do sogro, os resultados escolares da filha, o diálogo com aquele ramo da família com o qual há uma grande tensão… E não temas se os teus filhos se derem conta das tuas imperfeições e fraquezas*; também Pedro as tinha, e Deus escolheu-o, e a ti, para confiar as suas ovelhas, que são precisamente aquelas criaturas que tens em casa. Só te peço que não duvides do meu amor por ti, e que, em família, avancem juntos, mesmo quando tudo parece incerto e pouco confiável, mesmo quando te peço para caminhar sobre as águas… «*Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*». Não sobre um monólito perfeito e sem fissuras, mas precisamente sobre vós, tal como sois e como Eu vos chamei: quero construir a minha Igreja doméstica sobre o vosso amor conjugal que se renova dia após dia. «A família é o lugar em que, vivendo juntos no quotidiano, se experimentam os limites próprios e dos outros, os pequenos e grandes problemas da coexistência, do pôr-se de acordo. Não existe a família perfeita, mas não é preciso ter medo da imperfeição, da fragilidade.» Não é preciso ter medo de caminhar sobre as águas da vida quotidiana familiar.

Carlo De Marchi, In [L'Osservatore Romano](https://www.osservatoreromano.va/it/news/2020-08/su-di-voi-costruiro-la-mia-chiesa-domestica.html) | Trad.: Rui Jorge Martins   
Publicado em 05.08.2020

**Homilia no XIX Domingo Comum 2017**

**1.** Longe vai o tempo, em que eram escassas as notícias no mês de agosto! Mas este agosto de 2017 está recheado de dramas e desassossego! O país não para de arder e parece não aprender nada com a desgraça deste e dos últimos anos! As boas notícias cheiram a campanha eleitoral. Na hora de escrever o texto desta homilia recebo a notificação de que “os *Estados Unidos têm solução militar pronta e carregada contra a Coreia do Norte*”. Nos noticiários nacionais ignoram-se *premeditadamente* notícias de perseguições a cristãos: na República Centro-Africana, a morte de 50 pessoas, numa missão católica em Gambo. No passado domingo, um ataque à Igreja de São Filipe, em Ozubulu, na Nigéria, que causou 13 mortos e 26 feridos. Para estes nossos irmãos, ir a uma Igreja ao domingo não é um luxo de fim-de-semana ou um compromisso descartável, pois arriscam assim a própria vida. Exemplos de fé, que nos deviam fazer tremer e corar de vergonha, quando, por cá, trocamos a missa dominical, por mais umas horinhas de sono ou de cabeça metida na areia…

2. Por isso, a imagem da barca, em apuros, nesta *tempestade*, que veio estragar a “*bela sesta*”, de Pedro e seus companheiros, não é apenas o símbolo da nossa fé, posta à prova, quando menos se espera, nem é exclusivamente a imagem da Igreja, “*a meter água, por tantos lados*”, por causa de tantos escândalos, que trazem à tona da água a severa advertência de Jesus ao criminoso: *«mais valia que lhe suspendessem do pescoço a mó de um moinho e o lançassem nas profundezas do mar»* (Mt 18, 6; cf. Mc 9, 42; Lc 17, 2). Esta *barca agitada* é também o símbolo dos nossos tempos de desassossego, desta sociedade *líquida*, em que todos vivemos e naufragamos, ao som dos violinos, que lentamente nos adormecem.

3. Ao concluir esta semana das migrações, associo espontaneamente esta *barca agitada* à de tantos refugiados, que atravessam o Mediterrâneo, a fugir, como Elias, dos ventos da violência, da terra destruída pelo fogo das armas. Eles gritam, como Pedro a Jesus, a esta velha Europa: *salva-nos que perecemos*. E em vez daquela mão estendida de Jesus, que segurava Pedro, quando estava prestes a afundar-se, e em vez de responder a este clamor, dizendo, como Jesus, “*vem*”, *estou aqui para te acolher, proteger, promover e integrar*, o que é que acontece? Ignoramos os gritos, deixamos lançar ao mar e morrer à boca da barra, junto às nossas praias de turismo, os que fogem do horror e procuram uma *terra de paz e segurança, um teto de abrigo, um trabalho digno e em melhores condições*. Num relatório, curiosamente intitulado "*uma tempestade perfeita*", a Amnistia Internacional estima que 2017 seja o pior ano de sempre, em termos de mortes no Mediterrâneo. O documento diz que a Europa, em vez de acolher o futuro, nestas novas gerações, virou costas aos refugiados e aos migrantes, dando prioridade a "*acordos imprudentes*" com a Líbia.

4. Por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, o Papa Francisco chama a atenção para a realidade dos migrantes *de menor idade*, pedindo a todos, para cuidarem das crianças, que são pessoas três vezes mais vulneráveis, porque são de menor idade, estrangeiras e indefesas.

5. Sei bem, queridos irmãos e irmãs, que sou altamente inconveniente, neste domingo quente de agosto, acordar-vos assim do sono ou do sonho, aos gritos e com *alertas vermelhos*… Mas o caso não é para menos: há tempestades de verão, no monte ou no mar. “*Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar*” (Sophia Mello Breyner).

***ANGELUS*, Domingo, 10 de agosto de 2014**

O Evangelho de hoje apresenta-nos o episódio de Jesus que caminha sobre as águas do lago (cf. Mt 14, 22-33). Depois da multiplicação dos pães e dos peixes, Ele convida os discípulos a entrar no barco e a precedê-lo na outra margem, enquanto Ele despede a multidão, retirando-se depois em completa solidão para rezar na montanha até de madrugada. Entretanto, no lago levanta-se uma forte tempestade, e precisamente no meio da tempestade Jesus chega ao barco dos discípulos, caminhando sobre as águas do lago. Quando O veem, os discípulos ficam apavorados e pensam que é um fantasma, mas Ele tranquiliza-os: «Coragem, sou eu. Não tenhais medo!» (v. 27). Com o seu típico impulso, Pedro pede-lhe praticamente uma prova: «Senhor, se és Tu, manda-me vir sobre as águas até junto de ti!»; então, Jesus diz-lhe: «Vem!» (vv. 28-29). Pedro desce do barco e começa a caminhar sobre as águas; no entanto, o vento impetuoso investe-o e ele começa a afundar. Então, clama: «Senhor, salva-me!» (v. 30), e Jesus estende-lhe a mão e segura-o.

Esta narração é um bonito ícone da fé do apóstolo Pedro. Na voz de Jesus que lhe diz: «Vem!», ele reconhece o eco do primeiro encontro na margem daquele mesmo lago e imediatamente, mais uma vez, deixa o barco e começa a caminhar ao encontro do Mestre. Ele caminha sobre as águas! A resposta confiante e imediata à invocação do Senhor faz-nos realizar sempre coisas extraordinárias. Mas o próprio Jesus nos disse que somos capazes de fazer milagres mediante a nossa fé, a nossa fé nele, a fé na sua palavra, a fé na sua voz. Ao contrário, Pedro começa a afundar no momento em que desvia o seu olhar de Jesus, deixando-se abalar pelas adversidades que o circundam. Mas o Senhor está sempre presente, e quando Pedro o invoca, Jesus salva-o do perigo.

Na figura de Pedro, com os seus impulsos e as suas debilidades, está descrita a nossa própria fé: sempre frágil e pobre, inquieta e contudo vitoriosa, a fé do cristão caminha ao encontro do Senhor ressuscitado, no meio das tempestades e dos perigos do mundo.

Também a cena final é muito importante. «Assim que entraram no barco, o vento cessou. Então, aqueles que estavam no barco prostraram-se diante dele e disseram: “Tu és verdadeiramente o Filho de Deus!”» (vv. 32-33).

No barco encontram-se todos os discípulos, irmanados pela experiência da debilidade, da dúvida, do medo e da «pouca fé». No entanto, quando Jesus volta àquele barco, o clima muda imediatamente: todos se sentem unidos na fé que têm nele. Todos, pequenos e medrosos, tornam-se grandes no momento em que se põem de joelhos, reconhecendo no seu Mestre o Filho de Deus. Quantas vezes também connosco acontece a mesma coisa! Sem Jesus, longe de Jesus, sentimo-nos amedrontados e inadequados, e chegamos a pensar que não aguentaremos. Falta a fé! Mas Jesus está sempre ao nosso lado, talvez escondido, mas sempre presente e pronto para nos segurar.

Eis uma **imagem eficaz da Igreja**: um barco que deve enfrentar as tempestades e às vezes parece que está prestes a sucumbir. Aquilo que a salva não são as qualidades nem a coragem dos seus homens, mas a fé, que permite caminhar até no meio da escuridão, entre as dificuldades. A fé confere-nos a segurança da presença de Jesus sempre ao nosso lado, da sua mão que nos segura para nos proteger do perigo. Todos nós estamos neste barco, e aqui sentimo-nos seguros, não obstante os nossos limites e as nossas debilidades. Estamos seguros sobretudo quando sabemos ajoelhar-nos e adorar Jesus, o único Senhor da nossa vida.

**HOMILIA NO XIX DOMINGO COMUM A 2014**

**1.** O monte e o mar! Elias, dentro de uma gruta, e Pedro, ao comando da barca. Jesus sobe a um monte, para rezar a sós! E caminha, de noite, sobre as águas, ao encontro de Pedro! Com a ligeira brisa do monte Horeb e um barco no meio do mar de Tiberíades, tínhamos aqui tudo, para umas ricas férias de sonho! Mas não. Elias não faz campismo. É um perseguido, um fugitivo, ameaçado de morte! E, no mar, o vento é contrário, e Pedro está prestes a afogar-se! Só mesmo Jesus o pode salvar! O Verão, como vedes, não podia ser mais quente para Elias, que se põe a milhas, como um refugiado, sem casa e sem destino. Mas o tempo, para São Pedro, não é de *ir a banhos*, com o vento contrário e o barco, no meio do mar, a meter água por todos os lados!

**2.** Penso nestes contrastes, sobretudo neste Verão, em que a natureza se abraça a nós, com as suas delícias, mas o nosso coração, como o de Paulo, sente *uma grande tristeza e uma dor contínua,* porque não conhece a paz! Elias, em fuga, representa bem os cristãos do Norte do Iraque, perseguidos até à morte, pelo «*califado islâmico*», ou expulsos da sua terra, obrigados a abandonar as suas casas, sem poder levar nada consigo! O barco, perto de um naufrágio, e o grito de Pedro, a afogar-se, traz à tona da água, as lágrimas dos cristãos da Líbia, perseguidos pela sua fé. Os cristãos líbios não podem sequer fugir, por terra ou pelo ar, e embarcam em navios, à procura de terra firme!

**3.** Com tudo isto, com este turbilhão de Verão, teremos direito à ligeira brisa do monte ou a caminhar sobre as águas do mar, sem tempo para Deus, sem tempo para rezar e escutar a voz de um fino silêncio, que nos faz sair da gruta, dos nossos medos e comodidades? Nestas férias, não metamos a cabeça na areia! Mergulhemos em Deus! Que Ele nos deite a mão! Só n’Ele está a Paz!

**Homilia no XIX Domingo Comum A 2011**

**1.** Não é esta uma típica cena de Verão, com um final feliz! É mesmo uma coisa séria. A barca, onde remam os discípulos, está já bem longe da terra! Estamos entre as três e a seis horas da madrugada, sem nadadores salvadores, de piquete. E o vento é contrário! Açoitada pelas ondas, a barca começa a meter água. E os discípulos não ganham para o susto! Jesus, a caminhar sobre as águas, não lhes parece o novo Moisés, nem o Senhor do Universo, que acalma o mar. Julgam ser um fantasma medonho! Tal como depois da ressurreição, Jesus não é conhecido nem reconhecido, à primeira. E o medo é tal, que o próprio Pedro, um pescador experimentado, quase se afunda, nas águas do mar! O medo tomou, de facto, conta da fé de todos os discípulos e nem a palavra divina de confiança «*Sou Eu, não temais*» chega para calar o grito de Pedro: «*salva-me, Senhor*».

**2.** Não é difícil perceber que o evangelista quis fazer vir à tona da água a crise de fé dos discípulos, a começar pela pouca fé de Pedro, que tinha agora de ser posta à prova, para mais tarde confirmar a dos outros. São Mateus escreve para as comunidades cristãs do seu tempo, onde não faltavam divisões e desencantos! Mas fala ainda e sobretudo para nós e para este tempo dito de «crise», com uma Igreja, que parece também ela, uma barca à deriva no oceano da história, a meter água por todos os lados. Fora da barca, em terra, o cenário deste mundo, não é diferente, bem pelo contrário: os mercados, como as ondas que açoitam, não acalmam. Vivemos um tempo de medo, de inseguranças e de incertezas. A todos, crentes e descrentes, a terra firme parece escapar-se-nos dos pés, numa crise que é afinal, na sua origem, crise de fé, de valores e de confiança no futuro.

**3.** O desafio de Jesus não é, pois, o de vivermos a fé, com todas as garantias de êxito e com todas as seguranças. A fé do discípulo não se apoia em argumentos seguros, em certezas adquiridas! A busca de Deus vive-se sempre na insegurança, na obscuridade e no risco. As dúvidas servem para purificar a nossa fé, enraizando-a, de maneira mais viva e real no próprio Deus. Neste sentido, a fé genuína não é mais do que uma dúvida superada! Acreditar em Jesus é, pois, caminhar sobre a água e não sobre terra firme! Por outras palavras, a fé cristã é apoiar a nossa existência em Deus e não nas nossas próprias razões, argumentos e definições! «*A fé cristã não é só crer em verdades, mas é antes de tudo uma relação pessoal com Jesus Cristo, é o encontro com o Filho de Deus, que dá a toda a existência um novo dinamismo*» (Bento XVI, Mensagem para a JMJ 2011), a ponto de chegarmos a dizer, como os discípulos *«Tu és realmente o filho de Deus*» (Mt.14,33) ou de afirmar como São Paulo: «*Sei em que pus a minha confiança*» (II Tim.1,12).

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Curiosamente, a fé é também o grande tema do encontro mundial, que reunirá jovens de todo o mundo, em Madrid, à volta do sucessor de Pedro, entre os dias 18 e 21 deste mês. O *slogan* desta jornada parte de uma bela expressão de São Paulo: *«enraizados e edificados em Cristo, firmes na fé»* (Col.2,7). Assim mesmo se define a fé, na língua hebraica: ela é o «ámen», é o apoiar-se, o alicerçar-se, o pôr toda a confiança, em Alguém mais forte do que nós! Nisto consiste precisamente o mais nuclear da fé: viver, apoiando-se em Deus. Esperar confiadamente n’Ele, numa entrega absoluta de confiança e de fidelidade.

**5.** Termino, lançando-vos o desafio do Papa, aos Jovens: “*Com Cristo, ao vosso lado, sereis capazes de enfrentar com coragem e esperança as dificuldades, os problemas e também as desilusões e as derrotas*” (Bento XVI, Mensagem para a JMJ 2011). Levantemos, pois, para Deus, as nossas mãos vazias, num gesto de súplica e de confiança, dizendo, como Pedro: «*Salva-me, Senhor*». E então, caminhando sobre as águas, encontraremos sempre Aquela mão invisível, que nos firma e confirma na fé e assim nos livra de afundar a nossa vida, no turbilhão do tempo que nos enrola!

***ANGELUS* | Domingo | 7 de agosto de 2011**

No Evangelho deste domingo encontramos Jesus que, retirando-se sobre o monte, reza durante a noite inteira. Separado tanto da multidão como dos seus discípulos, o Senhor manifesta a sua intimidade com o Pai e a necessidade de rezar em solidão, ao abrigo dos tumultos do mundo. No entanto, este seu afastar-se não deve ser entendido como um desinteresse pelas pessoas, nem como um abandono dos Apóstolos. Pelo contrário — narra são Mateus — pediu que os discípulos entrassem na barca a fim de «O preceder na outra margem» (Mt 14, 22), para os encontrar de novo. Entrementes, «já a uma boa distância da margem, a barca era agitada pelas ondas, pois o vento era contrário» (v. 24), e eis que «pela quarta vigília da noite, Jesus veio até eles, caminhando sobre o mar» (v. 25); os discípulos ficaram transtornados e, pensando que se tratava de um fantasma, «soltaram gritos de terror» (v. 26), pois não O reconheceram, não compreenderam que era o Senhor. Mas Jesus tranquiliza-os: «Ânimo, sou Eu. Não tenhais medo!» (v. 27).

Trata-se de um episódio, do qual os Padres da Igreja hauriram uma grandiosa riqueza de significado. O mar simboliza a vida presente, a instabilidade do mundo visível; a tempestade indica todos os tipos de tribulação, de dificuldade que oprime o homem. A barca, ao contrário, representa a Igreja construída por Cristo e norteada pelos Apóstolos. Jesus deseja educar os discípulos a suportar com coragem as adversidades da vida, confiando em Deus, naquele que se revelou ao profeta Elias no monte Horeb, no «murmúrio de uma brisa ligeira» (1 Rs 19, 12). Depois, este trecho continua com o gesto do apóstolo Pedro que, tomado por um impulso de amor pelo Mestre, pediu para ir ao seu encontro, caminhando sobre as águas. «Mas, redobrando a violência do vento, teve medo e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me!”» (Mt 14, 30).

Santo Agostinho, imaginando que se dirigia ao apóstolo, comenta: o Senhor «humilhou-se e pegou-te pela mão. Unicamente com as tuas forças, não consegues levantar-te. Segura na mão daquele que desce até ti» (Enarr. in Ps. 95, 7: PL 36, 1233), e diz isto não apenas a Pedro, mas di-lo também a nós. Pedro caminha sobre as águas não pelas suas próprias força, mas pela graça divina, na qual crê, e quando se sente dominado pela dúvida, quando deixa de fixar o olhar em Jesus e tem medo do vento, quando não confia plenamente na palavra do Mestre, quer dizer que, interiormente, se está a afastar dele, e é então que corre o risco de afundar no mar da vida, e é assim também para nós: se olharmos unicamente para nós mesmos, tornamo-nos dependentes dos ventos e já não conseguimos atravessar as tempestades, as águas da vida.

O grande pensador Romano Guardini escreve que o Senhor «está sempre próximo, dado que se encontra na raiz do nosso próprio ser. Todavia, temos que experimentar o nosso relacionamento com Deus entre os polos da distância e da proximidade. Pela proximidade somos fortalecidos, pela distância, postos à prova» (Accettare se stessi, Brescia 1992, pág. 71).

Caros amigos, a experiência do profeta Elias, que ouviu a passagem de Deus, e a dificuldade da fé do apóstolo Pedro levam-nos a compreender que o Senhor, ainda antes que O procuremos ou invoquemos, é Ele mesmo que vem ao nosso encontro, abaixa o céu para nos estender a sua mão e nos elevar à sua altura; Ele espera unicamente que nos confiemos de maneira total a Ele, que seguremos realmente a sua mão. Invoquemos a Virgem Maria, modelo de confiança plena em Deus para que, no meio de tantas preocupações, problemas e dificuldades que agitam o mar da nossa vida, ressoe no nosso coração a palavra tranquilizadora de Jesus que nos diz, também a nós: Ânimo, sou Eu, não tenhais medo! E aumente a nossa fé n’Ele.

**Homilia no XIX Domingo Comum A 2008**

**1.** Uma semana, na Terra Santa, bem basta, para se perceber que não é fácil gostar-se dos judeus! Odiados pelos árabes, muito mal olhados pelos muçulmanos, divididos entre si, por laicos e radicais, eles são uma presença tão estranha como antiga, na cidade santa de Jerusalém! Dos judeus, fica-nos, por um lado, a imagem de um Povo inteligente, capaz de transformar o deserto em terra fértil; por outro lado, no reverso, a marca de um povo impenitente, incapaz de mudar o coração! Os judeus piedosos não souberam aproveitar o tempo e a oportunidade de salvação, que o Messias lhes trouxe! Escudaram-se numa cartilha de preceitos e perderam de vista o amor a Deus e ao próximo, como Lei essencial. Ressalta dos judeus, a imagem de um povo obstinado, que, desde Elias a João Baptista, até chegar o Messias, perseguiu e matou os seus profetas! É, por isso, com grande dificuldade que vemos, na fé, os judeus como “*nossos irmãos mais velhos*”. Mas são-no de facto: “*a eles pertencem os patriarcas, nossos primeiros pais na fé, as alianças, a legislação, o culto e as promessas».* E já não é pouco sabermos que *«deles, judeus, procede Cristo segundo a carne*»! Só isto devia ser o bastante para amar os judeus e transformar uma certa indignação religiosa contra eles em compaixão fraterna por eles!

**2.** Nós próprios, nas ruas de Jerusalém, ao sentir a recusa dos judeus em aceitar Jesus, como Messias, compreendíamos bem as palavras do judeu exemplar que é Paulo, hoje enunciadas, com toda a verdade, em Cristo: “*Sinto uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração*”! Mas hoje importa valorizar o positivo e não esquecer, quando pensamos nos judeus: Jesus é judeu! E Paulo, o grande Apóstolo, que este ano nos inspira e guia, é um judeu, orgulhoso das suas raízes judaicas (cf. Rom.9,3), um «*judeu a cem por cento*», a ponto de se tornar perseguidor da Igreja. Por isso mesmo, e por ser tão judeu, Paulo, convertido, sofre tanto pelos seus irmãos de raça (Rom.9,3). Faz tudo para os conquistar para a fé cristã! (I Cor.9,20). E ama-os, chegando ao cúmulo de não se importar, ele próprio, de ser “*maldito*”, de ser como que “*anátema*”, “*separado de Cristo*”, para bem dos seus irmãos!

**3.** É isto que há de melhor em São Paulo, enquanto judeu: a sua grande paixão! Paulo era um homem “*ardente de paixão*”, em tudo o que dizia, escrevia e fazia. Se primeiro foi um apaixonado da lei judaica, tornar-se-á depois um apaixonado de Jesus Cristo, alguém que foi “*alcançado por Jesus Cristo*” (Fil.3,12) e a partir do qual, tudo o mais, do seu passado judaico, é esterco! Como Homem de paixão, que era, Paulo entrou em guerra com Barnabé e com Pedro, mas, por outro lado, revelava extrema afectividade e calor humano, com todos os seus colaboradores e fiéis. “Paulo é um homem combativo. No seu caminho não faltaram contendas. *Não procurou uma harmonia superficial*. Com efeito, Paulo nunca usa de adulação. A verdade era para ele demasiado grande para estar disposto a sacrificá-la, em vista de um sucesso externo. Para ele, a verdade que tinha experimentado no encontro com o Ressuscitado merecia bem a luta, a perseguição, o sofrimento. Mas o que o motivava, no mais profundo do seu ser, era ser amado por Jesus Cristo e o desejo de transmitir aos outros este amor” (Bento XVI). Paulo era uma pessoa capaz de amar, e todo o seu intenso agir e sofrer, só se explicam a partir desta paixão!

**4.** Esta “paixão” ardente e corajosa de Paulo, faz-nos hoje tanta falta! É uma paixão, semelhante à do “fogo devorador” do profeta Elias, necessária para enfrentar hoje a concorrência desleal dos mais que 450 falsos profetas. Diríamos que a pessoa que não vive com uma “*chama a arder*” dentro de si, não chega a ser Homem. O Homem de hoje, desapaixonado, dormente, anestesiado, indiferente, parece que já nem a própria dor sente! Lembra um pouco o homem doente e dolente, descrito pelo poeta espanhol António Machado, que dizia: “*No meu coração ardia / havia o espírito de uma paixão / consegui arrancá-la um dia / Já não sinto o coração*” (António Machado). De facto, sem o ardor desta paixão, a pessoa morre, na sua capacidade de lutar, de sofrer, de amar!

**5.** Mas impõe-se, agora, a Paulo, a Jesus ou a Elias, a Gonçalo ou a Maria, a todos nós, o «*descanso do guerreiro*», um tempo de “tréguas”, para recolher em Deus e rezar! Diz-nos no seu Diário, uma judia perseguida: “*Eu uso a oração, como um escuro muro protector; na oração retiro-me, como se estivesse na cela de um convento, e depois saio cá para fora mais una e fortalecida e mais completa. Esta concentração interior ergue muros altos em meu redor, dentro dos quais novamente me encontro, formo um todo, fora do alcance de todas as dispersões*” (cf. Etty Hillesum, Diário, 193-184).

No monte ou no mar, em casa ou na Igreja, a brisa de Deus faz-se sempre sentir, no calor da luta! Só é preciso tempo e espaço, para deixar Deus entrar, transformar e permanecer!

Homilia no XIX Domingo Comum A 2008 (mais breve)

**1.** Uma semana na Terra Santa! Não é muito fácil gostar-se dos judeus! Deles, fica-nos, por um lado, a imagem de um Povo inteligente, capaz de transformar o deserto em terra fértil; por outro lado, no reverso, a marca de um povo impenitente, incapaz de mudar o coração! Ressalta dos judeus, a imagem de um povo obstinado, que, desde Elias a João Baptista, até chegar o Messias, perseguiu e matou os seus profetas! É, por isso, com grande dificuldade que vemos, na fé, os judeus como “*nossos irmãos mais velhos*”. Mas são-no de facto: “*a eles pertencem os patriarcas, nossos primeiros pais na fé, as alianças, a legislação, o culto e as promessas»* do Antigo Testamento*.* E já não é pouco sabermos que *«deles, judeus, procede Cristo segundo a carne*»! Só isto devia ser o bastante para amar os judeus!

**2.** Nós próprios percorremos a Via Dolorosa, nas ruas de Jerusalém e sentimos a recusa dos judeus em aceitar Jesus, como Messias! Compreendemos bem as palavras desse judeu exemplar que é Paulo, hoje enunciadas, com toda a verdade, em Cristo: “*Sinto uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração*”! Por ser tão judeu, um judeu a cem por centro, Paulo, convertido, sofre ainda mais pelos seus irmãos de raça (Rom.9,3), que recusam Cristo. Paulo faz tudo para os conquistar para a fé cristã! (I Cor.9,20). E ama-os, chegando ao cúmulo de não se importar, ele próprio, de ser “*maldito*”, de ser como que “*anátema*”, “*separado de Cristo*”, para bem dos seus irmãos!

**3.** É isto que há de melhor em São Paulo, enquanto judeu: a sua grande paixão! Enquanto semita, Paulo era um homem “*ardente de paixão*”, em tudo o que dizia, escrevia e fazia. Se primeiro foi um apaixonado da lei judaica, tornar-se-á depois um apaixonado de Jesus Cristo, alguém que foi “*alcançado por Jesus Cristo*” (Fil.3,12) e a partir do qual, tudo o mais, do seu passado judaico, é esterco! Como Homem de paixão, que era, Paulo chegou a entrar em guerra com Barnabé e com Pedro, mas, por outro lado, revelou extrema afectividade e calor humano, com todos os seus colaboradores e fiéis. “Paulo é um homem combativo. Não procurou uma harmonia superficial. Nunca usa de adulação. A verdade era para ele demasiado grande para estar disposto a sacrificá-la, em vista de um sucesso externo. Mas o que o motivava, no mais profundo do seu ser, era ser amado por Jesus Cristo e o desejo de transmitir aos outros este amor” (Bento XVI). Paulo era uma pessoa capaz de amar, e todo o seu imenso agir e intenso sofrer, só se explicam a partir desta paixão!

**4.** Esta “paixão” ardente e corajosa de Paulo, faz-nos hoje tanta falta! É uma paixão, semelhante à do “fogo devorador” do profeta Elias, necessária para enfrentar hoje a concorrência desleal dos mais que 450 falsos profetas. Diríamos que a pessoa que não vive com uma “*chama a arder*” dentro de si, não chega a ser Homem! O Homem de hoje, desapaixonado, dormente, anestesiado, indiferente, parece que já nem a própria dor sente! Lembra um pouco o homem doente e dolente, descrito pelo poeta espanhol António Machado, que dizia: “*No meu coração ardia / havia o espírito de uma paixão / consegui arrancá-la um dia / Já não sinto o coração*” (António Machado). De facto, sem o ardor desta paixão, a pessoa morre, na sua capacidade de lutar, de sofrer, de amar!

**5.** Estamos no Verão. É um tempo propício ao «*descanso do guerreiro*», um tempo de “*tréguas*”, para recolher em Deus e rezar! Diz-nos no seu Diário, uma judia perseguida: “Eu uso a oração, como um escuro muro protector; na oração retiro-me, como se estivesse na cela de um convento, e depois saio cá para fora mais una e fortalecida e mais completa. Esta concentração interior ergue muros altos em meu redor, dentro dos quais novamente me encontro, formo um todo, fora do alcance de todas as dispersões” (cf. Etty Hillesum, Diário, 193-184).

No monte ou no mar, em casa ou na Igreja, a brisa de Deus faz-se sempre sentir, no calor da luta! Deixemos Deus “abrisar” e abrasar, transformar e permanecer em nós, como um fogo, que arde sem se ver!

**Homilia no XIX Domingo Comum A 2005**

**I.** Já não há descanso em parte nenhuma! Elias foge para o monte, com o coração ferido e solitário, a sofrer, pela derrota de Deus, que perdeu, vergonhosamente na batalha, os seus queridos aliados e profetas e corre agora o risco de ficar sem Elias, o último combatente.

**1.** O Profeta de fogo, refugia-se, na gruta, para escapar à morte e sofre ali, na solidão da missão, não tanto pela sua vida em risco, mas pela falta de fé do seu povo eleito e pelo triste abandono à aliança.

Desacreditado, no meio da crise e da tempestade, a atravessar a noite mais escura da vida, que lhe abala todas as certezas, o profeta Elias é desafiado, por Deus, a sair de si mesmo e do seu cubículo, para estar de vela, à *espera do Senhor,* que por ali há-de passar!

**2.** Deus, de quem se dizia estar em toda a parte, parece afinal não estar, onde faz mais falta. Desapareceram os habituais e poderosos sinais da sua misteriosa manifestação. Nem a rajada de vento, nem o tremor de terra, nem o fogo do monte Sinai (Ex.13,22;19,16.18), dão sinal da presença do Senhor! O Senhor não estava lá! E Elias tem de aprender… mais do que a ver Deus em tudo, a ver tudo em Deus! O “*sinal*” da manifestação de Deus é agora muito ténue e sensível. E o profeta terá de recuperar, no meio da sua tempestade interior, o *silêncio total*, a paz de espírito, para se abrir a Deus na intimidade do coração, até chegar a ouvir *o suave murmúrio de um silêncio que se desvanece*!

**3.** E Deus parece voltar pela *frescura do entardecer*, como outrora, quando se passeava pelo jardim, para conversar com o Homem (Gén.3,8). Elias, como Moisés (Ex.3,6), «*cobriu o rosto com o manto, saiu e ficou à entrada da gruta*», pois não se atrevia a olhar para Deus! A voz divina diz-lhe, como a Adão no Paraíso “*que fazes aqui Elias*”. E perante a *lamentação* do profeta, Deus dá a Elias, uma palavra cheia de confiança, e a certeza de que o seu projecto se realizará. Porque, na Terra Prometida, há sempre alguém que resiste. Há sempre alguém que diz não! E que não dará, nunca e por nada, o beijo frio da traição! (I Re.19,9-18).

**II.** Caríssimos irmãos e irmãs:

**1.** Em tempo de férias, tempo de refazer a vida, o monte e o mar continuam a ser lugares apetecíveis, abrigo e refúgio, no final de um ano de lutas, canseiras e cansaços, onde se misturam vitórias e derrotas, lucros e prejuízos, actos falhados e sonhos realizados. Sem dúvida, que os tons e os sons da criação, nos deixam o rasto de um Deus que passa e vestígios de um Deus que permanece.

Mas ainda assim, são apenas sinais, a partir dos quais será sempre preciso caminhar, de rosto coberto, no silêncio do deserto, para chegar ao encontro com o Deus sempre oculto, que se manifesta na doçura, na familiaridade de uma relação íntima, amiga e cordial, na oração do coração!

**2.** Talvez nós, como Elias, como Pedro e os outros discípulos, tenhamos, por algum tempo, a ilusão de poder descansar aqui ou ali, em lugar seguro e escapar a toda e qualquer tempestade de Verão. Mas nem o bilhete de viagem, para o monte mais isolado, ou para o mar menos encapelado, é passaporte seguro para a Paz.

Se queremos realmente refazer-nos da crise ou do cansaço, do desalento ou da obra feita, não nos bastam o fogo do calor, a brisa do mar, ou o cheiro e as sombras do monte. Porque Deus não está aí, nem está lá, nem aqui, nem acolá. Está onde o Homem está à sua espera! Está onde o homem chama por Ele! Está onde Deus, sempre oculto, chama pelo Homem.

**3.** Neste Ano tão especial, não deixemos de férias, **a Eucaristia**. Ela se torne, para nós, como o alimento dado a Elias (I Re.19,8), verdadeiro Pão da Missão. Não procuremos, no monte ou no mar, *substitutos* da verdadeira presença real de Deus. Na Eucaristia, mesmo oculto, “ *Ele está connosco, tal como na manhã de Páscoa. Não faltemos ao banquete. Comamos do seu Pão. Bebamos do seu cálice divino, sinal do seu amor até ao fim*”!

### Homilia no XIX Domingo Comum A 2002

1. Não são heróis do mar, nem ganham para o susto. O sonho de umas merecidas férias, depressa se transforma, para os discípulos, num terrível pesadelo. A ideia de um autêntico mar de rosas, depois da espectacular multiplicação dos pães e dos peixes, vai por água abaixo, com a barca a afundar-se, açoitada pelo vento que não lhe era de feição. E até Jesus, que subiu ao monte, para orar a sós, interrompe o seu retiro e entra pelo mar dentro, para salvar vidas em perigo. Ninguém diga que está bem!

2. No monte ou no mar, há homens, como Elias e Jesus, como Pedro e os discípulos, em luta constante, ora com a força dos braços, ora com todos os movimentos da alma. E não vale a pena fugir para parte incerta, à procura de sossego, se o coração anda assustado, o espírito alarmado, o corpo cansado. O melhor mesmo é entrar na gruta da interioridade e sentir o vibrar da alma e o pulsar do coração. Vejamos o caso exemplar de Elias:

3. O profeta, perseguido e com medo da morte, foge para o monte da aliança e entra na caverna, na procura desesperada de salvar a própria vida. Mas nem por isso, longe de casa, consegue deslindar-se do labirinto dos seus desejos e dos esconderijos da sua alma, sacudida pelo *vento* da mudança e ateada pelo *fogo* da paixão. A vida está-lhe por um fio e ele treme dos pés à cabeça.

O que Elias precisava não era de um sítio sossegado, onde se esconder. Na verdade, não vale a pena fugir, para longe, porque o problema não fica na porta de saída. Ele precisava era de entrar, bem no interior da sua própria casa, onde Deus mora, passa e permanece, e escutá-Lo no murmúrio desse silêncio que se desvanece.

4. Vem isto a propósito deste mês de Agosto e deste tempo de férias. É verdade que a distância da casa e do trabalho nos liberta da tortura dos contactos, do cansaço dos compromissos e da escravidão de tantos afazeres. Mas desiludam-se os que julgam comprar o passaporte da paz, metendo a cabeça na areia, escalando a montanha, entrando na onda, indo e fugindo para bem longe. Porque onde estiver o teu coração, aí estarão os teus medos e fantasmas, que gritarão ainda mais, nesse silêncio que julgávamos pacífico.

O verdadeiro descanso faz-se na intimidade desse silêncio, onde vem à tona da água a nossa pouquíssima fé. A paz pode nem estar longe. Pois Deus está, muitas vezes, à entrada da própria casa. O que é preciso é sair e permanecer à espera do Senhor! Até que Ele dê um *ar* de sua graça!

HOMILIA NO XIX DOMINGO COMUM A 1999

**1.** Ondas e marés. Brisas suaves em terra... e tempestades no mar! Da onda do sucesso, à maré da tempestade, foi apenas o espaço de duas margens. Os discípulos, depois do milagre da multiplicação, adivinham já naquela travessia, um cruzeiro em pleno mar de rosas. A *coisa* prometia. A popularidade do Mestre estava «em alta» e a onda de sucesso de Jesus atingia o pico, no barómetro das sondagens. Eles teriam um lugar certo, seguro e prometedor, no governo do novo reino. Mas, de repente, o mar encapelado, acorda os discípulos do sonho. Depressa, caídos no pesadelo de uma tormenta indomável, o conto de fadas que sonharam vira uma série de fantasmas. O medo, a desconfiança, a perturbação, afundavam a barca. E até Pedro, o fortalhaço do grupo, sempre tão seguro de si, grita com medo. E, quanto mais hesita, mais se afunda. Não fora a mão do Mestre e a terra fugir-lhe-ia debaixo dos pés. Mas, à palavra de Jesus, caminhou sobre as águas. E, na força desta Palavra, a tempestade dava lugar à bonança.

**2.** A tempestade acalmada é uma espécie de parábola ao vivo da nossa condição cristã. Refugiamo-nos na barca da Igreja, confiantes de assim chegarmos a bom porto. O que não deixa de ser verdade. Mas fazemo-lo, não raro, demasiado convencidos de uma viagem sem sobressaltos. Começamos então a travessia da fé, com o mergulho do baptismo. E vemos na certidão do primeiro sacramento, uma espécie de apólice de seguro contra todos os riscos.

Ora, a experiência da fé, não se compadece com a temperatura morna das águas paradas. O discípulo de Jesus, ao contrário, há-de caminhar sobre as ondas agitadas, de uma vida de trabalhos e marés... sacudido pelos ventos da história, abalado pelos terramotos da mudança e da surpresa, queimado pelo fogo do Espírito, que lhe dá paz, mas não sossego. A brisa suave, não raro, vem ao cair da tarde, já muito tarde, no entardecer da vida, depois de uma longa peregrinação. E, ainda assim, por um instante fugaz.

**3.** Havemos de aprender a fazer este caminho, sabendo que o Senhor está connosco. E, no meio das crises e dificuldades, mais do que ver e inventar fantasmas, pintados de medo ou de castigo, de perseguição ou de azar, percebermos o apelo de Deus, a passarmos sempre para a outra margem. Acreditemos que Ele está connosco!

**Homilia no XIX Domingo Comum A 1996**

Ninguém diga que está bem... Afinal o nosso homem, profeta de fogo, senhor das lutas, forte e valente, vai em fuga para o monte. É o profeta Elias. Uma coisa é vê-la. Outra dizê-la. Ei-lo cheio de medo, desistido, cansado e perseguido, à procura de esconderijo. Não quer ver ninguém nem ser visto. Fecha-se numa gruta. Encolhe-se no seu medo, porque o mundo lhe parecia cair em cima. Orgulho ferido, ele bem preferiria morrer a perder a fama e a honra. A mais dura prova da sua vida condu-lo agora ao monte de Deus, o Horeb. Ali o seu coração parecia bater-lhes nas mãos e, ao pequeno ruído das folhas e dos pássaros, quase lhe caía aos pés.

Mas era preciso que Elias se libertasse desse medo. Em vez de se esconder, fugindo à realidade, devia recolher-se, tomando pulso à vida! Em vez de uma fuga para a frente, fingindo não ver, era bem mais necessário um passo atrás para medir distâncias e ganhar fôlego. Por isso é o próprio Senhor que lhe dirige a Palavra, dizendo: *«Sai e permanece no monte à espera do Senhor».* Como quem diz: ”Sai desse tímido isolamento e detém-te a ordenar os teus pensamentos dispersos, a congregar as tuas forças perdidas. Concentra-te para medires o tamanho e a força da tua fraqueza. Espera pelo Senhor. Não grites nem protestes. Mas escuta-O. Pensa no porquê de todas as coisas, avalia as consequências dos teus últimos gestos, aprecia rectamente tudo... e aproveita para pores em ordem a tua Vida”... E Elias, fiel aos apelos de Deus, saiu do seu esconderijo, do seu medo e do isolamento, e pôs-se à espera do Senhor.

Veio primeiro uma *rajada de vento* peneirar Elias de pequenos ciscos que não o deixavam ver. Elias deve ter pensado em tantas palavras suas levadas pelo vento, em decisões tomadas de ânimo leve. *E tudo o vento levou*. Deus não estava ali.

Depois, veio *o terramoto*, e a terra a fugir-lhe dos pés, a abalar as suas seguranças, a ruir as suas certezas, a prepará-lo para o risco, para o incerto. Embora se julgasse seguro, percebeu que não tinha raízes no chão. E Deus ainda não estava ali.

E no segredo da noite, acendeu-se *um fogo* que parecia arrasar as suas resistências e purificar-lhe os desejos. Tanta coisa na sua vida...tudo fogo de vista. Deus não podia estar ali!

Veio, por último, de surpresa e por maravilha, *uma brisa* suave, um rumor discreto, um beijo da noite, sossegar-lhe o coração. Elias cobriu o rosto com o manto. Deus estava ali, no coração da tempestade, com a sua paz, a sua presença suave.

E foi parecida a história dos discípulos, com a presunção de Pedro à partida, o seu medo inseguro logo a seguir, e só depois a confiança recobrada pelas mãos de Jesus. E é também a nossa história, por onde Deus passa, no meio de tempestades e marés. É a nossa vida, por onde Deus permanece no recolhimento sereno daqueles que n’Ele se refugiam.

*Não temais* a ventania dos imprevistos, que sopra para deixar apenas o que não tem raiz e levar para longe o que não tem consistência. Porque não arrancará da vossa vida o que tiver profundidade.

*Não temais* esse terramoto de desgraças que abala as vossas certezas e destrói os vossos sonhos. Não afundará, pela certa, o que solidamente for construído em Deus.

Não temais esse fogo arrasador que vem para temperar resistências, acrisolar desejos e purificar virtudes. Só destruirá o que for de pouca valia.

***Tende confiança***! Porque o Senhor está convosco! Nada pode mais que a sua Palavra, a sua mão e o seu amor...

### Homilia no XIX DOMINGO DO TEMPO COMUM A 1993

**1.Escutar o silêncio de Deus!**

Disseram-me há dias que não ralhasse. Que as pessoas já sofriam muito. Que as mulheres da minha rua têm um destino e uma condição que mereciam um livro escrito. Que há um mistério de dor e abandono, de luta e perseguição, de angústia e de medo, em tanta gente nesta cidade, que é urgente gritar a esperança. Pus-me a lembrar Elias, o grande profeta. Berrou que se fartou. Lutou até mais não para acabar com falsos deuses. Incendiou a terra do pecado. E no fim, lá foi como refugiado para o Monte Horeb. Tão assustado que a terra lhe parecia fugir dos pés. E Deus distante. Tão agitado pela luta dos deuses que o vento lhe sacudia o sossego. E Deus que não vinha. Tão queimado pelo fogo das Palavras que a voz de Deus lhe parecia longe. E Deus não aparecia. Esperou. Esperou até que serenassem o turbilhão das suas lutas e a fogueira das suas dores e medos. *«Ouviu-se uma ligeira brisa. E Elias cobriu o rosto com o manto».* E à porta da gruta se encontrou com o Deus do silêncio. Desconcertante, Deus não se vestiu de fantasma para assustar. Não fez espectáculo ao chegar. Surpreendente, o Deus de Israel, sem barulho, falava calado. Imprevisível, Deus estava ali perto, à espera que Elias o deixasse entrar. E sem discursos nem sermões, Elias sossegou o espírito e mergulhou no silêncio de Deus, tão grande e afinal tão próximo. E no alto do monte, no silêncio, Deus se fez companheiro nas lutas do seu profeta.

**2. Para acalmar tempestades!**

Anda o calor, por aí, a adormecer as nossas preocupações. Veio, hoje, para nos agitar, a cena de uma barca. Lá estamos todos a gritar, com medo de afundar. Tal o peso do nosso desassossego. Lá está a nossa falta de confiança, a nossa crise de fé, o nosso protesto de que Deus parece estar a dormir. Creio que todos nós temos medo e dor, dificuldades e crises bastantes a pesar na barca que é a vida de cada um ou a vida da Igreja onde está cada um. Mal iria se as águas da nossa vida parassem. É da nossa condição abraçar a luta. E saber que mesmo parecendo alheio à nossa Vida, o Senhor continua próximo de cada um. As dificuldades para avançar não estão na «barca» ainda que esteja velha e rota em muitos dos seus bocados. É a falta de confiança em Jesus que provoca o pânico. Foi em Pedro. É em nós.

**3. No alto do Marão ou nas brisas do Tâmega:**

Pronto. Vou deixar-vos com Deus. Temos o Marão. Não dá palha nem Pão. Mas dá-nos altura bastante para sossegar os ânimos de um sucesso fácil, como a Jesus, ou as crises de uma vida em apuros, como a Elias e aos discípulos. O monte é lugar de oração. E agora que as tempestades do Tâmega se afogaram no calor, fica-nos também na brisa do rio um apelo permanente a serenar, por aí, outras tempestades. A oração de S. João da Cruz, que levais na folhinha, é para rezar no alto de um monte ou à beira de um rio... No Marão ou no Tâmega. Onde houver uma brisa.

«Se me colhe a tempestade e Jesus vai a dormir na minha barca, nada temo, porque a Paz está comigo». Esteja convosco!

**Homilia na celebração do Matrimónio**

Liturgia do XIX Domingo Comum A

**1.** Casamento: *Uma passagem para a outra margem!* Uma aventura com Cristo, companheiro e Senhor das vossas vidas. Ele está convosco.

Metido na vossa história, escondido nos cruzamentos das vossas vidas, presença discreta no segredo dos vossos afetos. Dom invisível na entrega dos vossos corações. De verdade, o Senhor está na vossa Vida! Aceitastes e reconhecestes esta presença amorosa de Deus na vossa história. Descobristes e acreditastes que a vossa história de amor era também uma história do amor de Deus em vós. Por isso quisestes o Senhor convosco, *a segurar o barco*, a dar solidez e confiança, no meio dos inevitáveis sofrimentos e nortadas que a vossa caminhada conjugal há de conhecer!

**2.** Por isso, *«tende confiança; não tenhais medo».* Refugiai-vos no Senhor, ao abrigo do seu silêncio, chamai por Ele. Rezai e mantende a confiança, de que Ele atuará! Porque o Senhor está convosco. A sós... às vezes parecendo dormir, mas sempre na intimidade do Pai, Jesus reza continuamente por vós, intercede por vós. Mas - estai certos - não vos substituirá, não vos poupará à luta, nem vos preservará do combate. E quando a vida não for um *mar de rosas*, mas uma tempestade encapelada, Ele assistir-vos-á com a sua força, a sua presença, o seu amor... se acordardes para Ele, se O descobrirdes e chamardes, se O sentirdes e procurardes...

**3.** Por isso, o facto de «casardes em Igreja» e bem assim quererdes «estar e viver com Cristo», não resulta nunca numa espécie de «seguro contra todos os riscos».

Mesmo n’Ele e com Ele, nunca a vossa vida será uma paz-de-alma, sem saltos nem sobressaltos. Pelo contrário, ao «casardes em Igreja», aceitastes o risco de caminhar com Jesus no meio da tormenta e do perigo, da perseguição e da dor, da cruz e do sacrifício. Jesus nunca vos guiará por águas paradas, mas exigirá do vosso amor uma entrega desmedida, *«na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da vossa vida».* E a vossa vida, só pode manter-se firme n’Ele. Só n’Ele encontrareis abrigo, refúgio e consolação.

**4.** Virão, para vos limpar, rajadas de vento, que levam para longe o que não tem consistência; mas não arrancarão da vossa vida o que tiver profunda raiz;

Outras vezes, sentireis a terra fugir-vos dos pés, qual terramoto a obrigar-vos a um salto para a frente; mas não faltará a mão do Senhor a fazer-vos caminhar...até sobre as águas;

Virá, pela certa, o fogo devastador a purificar e a elevar os vossos afetos como o oiro no crisol; mas dará novo brilho ao vosso amor.

Em tudo e sempre, estará convosco o Senhor, nessa brisa de silêncio e mistério onde se fecunda a vossa vida e o vosso amor! *«Tende confiança! Não temais»!*